A guardiã dos segredos de família

Stella Maris Rezende

ilustrações **Leguy**

Prêmio ✹ Barco a Vapor 2010

PROGRAMA Ler é Preciso & ECOFUTURO

1% da receita obtida com a venda deste livro será revertido à implantação de bibliotecas comunitárias Ler é Preciso, coordenadas pelo Instituto Ecofuturo

sm

SUMÁRIO

Um 7

Dois 30

Três 48

Para *Dorinha, Fabíola, Rebeca, Serginho e Sérgio*

Um

Os muros das casas sabiam que Nenenzinha não tinha medo de aspereza. Sempre que estava na rua, ela enfiava neles as unhas das mãos, para sentir gastura, sofrer um pouco, praticar coragem.

Nenenzinha era uma menina novinha e já era tia. Tão pequenininha que os sobrinhos a chamavam de tia Nenenzinha.

Os quatro sobrinhos – Célia, Chiquito, Niquinho e Quinzinho – perderam a mãe, Lilita, que morreu de parto, levando com ela a quinta alminha, que não quis ficar no mundo, não quis chorar nem rir, preferiu ir com a mãe para um lugar que ninguém dá conta de descrever.

Era para os sobrinhos serem cuidados pelos tios padrastos: Delminda e Sebastião.

Delminda era irmã do Olinto, o viúvo da Lilita, que não pôde cuidar dos filhos por ter mais necessidade de cuidar da sanfona e dos bailes de Morada Nova.

Sebastião era irmão da Lilita.

Era para os sobrinhos serem amados e muito bem tratados pela tia por parte de pai e pelo tio por parte de mãe, que, além de primos, eram marido e mulher.

Era para ser assim: quatro crianças felizes com os padrastos, que também eram tios. Além do mais, Delminda era madrinha do Niquinho, o

filho mais velho da Lilita. Portanto, parecia tudo muito organizadinho.

Mas na vida é tudo muito bagunçadinho.

Tio Sebastião e tia Delminda não zelavam direito pelos sobrinhos, principalmente tia Delminda, que era bela, muito bela, mas também muito brava.

Sebastião não era horrível. Não forçava os sobrinhos a trabalhar de segunda a domingo na lida de varrer, limpar e lavar – coisas exaustivas a que tia Delminda os obrigava sem dó. O tio fechava os olhos para essas coisas, não por falta de afeto pelos sobrinhos, mas por falta de coragem de enfrentar a beleza e a braveza que o enfeitiçavam.

Amor é coisa complicadíssima.

Ocorreu que Nenenzinha resolveu mudar essa latomia, essa ladainha, penitência de quatro sobrinhos órfãos somente na lida de varrer, limpar e lavar. Ela gostava de brincar de guisadinho,

chicotinho-queimado, pular maré, de cantar e dançar cantigas de roda na rua.

Os muros das casas sabiam o quanto Nenenzinha gostava de brincar. E sabiam também que ela ficava enorme quando queria mesmo uma coisa.

Nenenzinha viera de São Gotardo e dissera para Sebastião, seu irmão mais velho:

– Tião, eu vou cuidar dos quatro.

Era de madrugada. Sebastião, padeiro, estava preparando a massa para os pães daquela manhã. Sempre sério e sisudo, continuou atento à massa.

Nenenzinha insistiu:

– Tião, eu estou dizendo que vou cuidar dos meus sobrinhos, viu? Não quero mais ver eles nas garras da Delminda.

Sebastião decerto continuaria sério e sisudo, sem olhar para a irmã pequenininha, bem mais nova do que ele, mas o caso é que Nenenzinha tinha acabado de enfiar as garras da cunhada na massa do pão.

Ele precisava dizer alguma coisa. E disse, embora sem muita vontade:

– Não fala assim da Delminda.

Nenenzinha tinha ficado enorme, a cabeça quase encostava no telhado da casa.

A menina então acrescentou:

– Ela é cruel com os filhos da nossa irmã Lilita.

Sebastião fitou os olhos desafiadores da Nenenzinha. Sentiu vergonha, baixou o olhar fraco, ficou olhando para a massa do pão. Mas disse:

– Você é muito nova. Como vai cuidar deles?

Nenenzinha também olhou para a massa. E comentou:

– O pão que você faz é muito gostoso, viu? Parabéns!

Isso bastou para que Sebastião sofresse menos, se envergonhasse menos, daí a massa não estragou. Então ele disse:

– Perderam a mãe cedo demais... Faça por eles o que puder.

A menina saiu correndo, toda radiante.

Nenenzinha era só dois anos mais velha que Niquinho, de onze anos, três anos mais que Chiquito, quatro mais que Quinzinho e cinco mais que Célia, a caçula da Lilita.

Era menina ainda, nem tinha ficado moça.

Miudinha, um quase nada de gente.

Mas ficava enorme quando queria mesmo uma coisa.

Quando morava em São Gotardo, com os pais e os irmãos Isabel e Pedro, vivia alegre, toda serelepe. O que interrompeu o contentamento foi a morte da Lilita, porque Nenenzinha começou a se preocupar com os sobrinhos. Sabia que Olinto não cuidaria direito dos filhos, festeiro e sanfoneiro que era.

De fato, Olinto só queria saber de música e bailes. Acabou abandonando os filhos na casa da irmã dele, casada com o primo Sebastião, padeiro. "Não vai faltar pão pra eles!", decerto pensou. Sabia que a irmã não gostava de crianças; entretanto,

deve ter imaginado: “A Delminda vai desenvolver o lado materno que toda mulher tem que ter!”. Olinto, o sanfoneiro; irmão da Delminda, a passeadeira. Sebastião, o padeiro, enfeitiçado de amor, não daria conta de livrar os sobrinhos do gênio difícil da Delminda, que era bela, muito bela, mas também muito brava.

Então Nenenzinha conversou com os pais, disse que ia morar na casa do irmão mais velho, Sebastião. Ajudaria na criação dos sobrinhos que tinham ficado órfãos e não mereciam morrer em vida. A mãe da Nenenzinha, dona Corália, com o olhar surpreso e ao mesmo tempo contente, abraçou-a e disse: "Mas, minha filha, vou sentir demais da conta a sua falta..." O pai, seu Eustáquio: "A gente conhece a fama da Delminda... Você vai sofrer naquela casa, minha querida!"

Nenenzinha os abraçou com força, disse que sentiria saudade deles e dos irmãos Pedro e Isabel; se esforçaria para visitá-los de vez em quando. “Os seus netos precisam de amparo”, ela completou. Acrescentou o fato de que havia em Morada

Nova um ótimo colégio; continuaria a estudar.

Seu Eustáquio e dona Corália, apesar de tristes com a ausência da menina, sentiram muito orgulho da decisão dela. Era de ver que Isabel, de quinze anos, e Pedro, de dezessete, não tinham nem metade da metade da coragem da Nenenzinha; davam ainda muito trabalho, muita aflição. "Mas um dia eles se aprumam, criam juízo", seu Eustáquio dizia. Dona Corália concordava: "Cada um tem seu ritmo, não é mesmo?"

Assim que chegou à casa do Sebastião, Nenenzinha confirmou o que já sabia a respeito da cunhada bela e brava. E, conforme avisara o irmão, começou a cuidar dos sobrinhos, atravessando as ordens da Delminda, passando por cima dos gritos da Delminda, empurrando para bem longe qualquer ameaça de duro sofrimento imposto pela bruxa.

Ajudava na arrumação do quarto deles, na lavação do banheiro, na tiração de poeira dos móveis. Fez um canteiro no quintal e plantou alface, tomate, couve, quiabo, salsa e cebolinha, que os

sobrinhos aguavam com um regador vermelho. A tia menina e as crianças faziam salada ou picavam verduras para o almoço e a janta, mas, quando Delminda exagerava, pedindo que cozinhassem e passassem roupa, Nenenzinha dizia:

– Ô Delminda, ninguém passa roupa melhor que você!

Ou então comentava, sincera:

– Seu feijão com arroz e ovos estrelados são uma delícia!

E acrescentava com vigor:

– Agora é hora de criança brincar, viu? Tchau pra quem fica!...

Pegava os quatro sobrinhos e saía correndo para a rua.

Delminda respirava fundo, doida de raiva.

Graças à tia Nenenzinha, os quatro órfãos brincavam na rua, iam passear, divertiam-se nas chácaras vizinhas, tinham até vida boa. Gostavam de ter uma tia novinha, pequenininha, mas que ficava enorme quando queria mesmo uma coisa.